

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES
SOBRE A IMPRENSA PORTUGUESA NOS EUA

por
VAMBERTO A. FREITAS *

Entre quase todos aqueles que nestes últimos anos se têm interessado pelos centros lusos radicados nos Estados Unidos da América, uma das facetas da vida comunitária que geralmente mais os impressiona parece ser a existência, sempre precária mas persistente, da Imprensa falada e escrita em língua portuguesa. Diversos trabalhos foram já publicados ao longo dos anos sobre este assunto, tanto na terra de acolhimento como aqui na de origem; mas, por enquanto, falta-nos uma grande e aprofundada monografia e que cubra a história completa, desde o seu início a meados do século passado até ao presente, e que abrange a Nova Inglaterra, Califórnia e as ilhas de Havai. De qualquer modo, após vos apresentar, em síntese, o que mais significativo já existe, passarei a avançar algumas considerações que creio serem essenciais ao entendimento do que sempre foi, e por muito tempo ainda continuará a ser, a Imprensa escrita de língua portuguesa na América.

* Jornalista.

Com efeito, raro é o observador ou visitante estudioso dos portugueses na América do Norte que não dedica especial atenção a este fenómeno que é a comunicação social nos nossos meios imigrantes, especialmente aos jornais, que aparecem e desaparecem em números admiráveis desde, como já se disse, o século passado. Só em Lisboa, publicaram-se diversas reportagens e análises acerca do tema: Maria Helena Carvalho dos Santos escreveu «Os Portugueses na América», no extinto *Portugal Hoje*; Eurico Mendes publicou no *Diário de Notícias* um extenso artigo intitulado «Jornais e Portugueses nos Estados Unidos: Uma Certa Memória do País Natal»; neste mesmo jornal publicaria eu mais tarde uma longa entrevista com João Brum, então director do semanário luso-californiano *The Portuguese Tribune*, intitulada «A Imprensa de Língua Portuguesa nos Estados Unidos»; Helder Pinho fez uma série de reportagens para o diário lisboeta *A Capital*, e que incluem uma secção acerca da Informação comunitária, reunido tudo mais tarde num livro com o título *Portugueses na Califórnia*; recentemente, Urbino de San Payo, escritor e poeta português residente na área de Los Angeles publicou um livro intitulado *Os Portugueses na Califórnia e*, também aí, se dedica um capítulo aos meios de comunicação imigrantes. Outros, como o Dr. Eduardo Mayone Dias, da Universidade da Califórnia, em Los Angeles, e um reconhecido especialista em questões comunitárias, aborda o assunto de quando em quando em jornais e em conferências, tendo inserido alguns desses trabalhos no seu livro *Coisas da LUSALândia*. De resto, segundo me consta, estará por publicar uma tese universitária acerca da nossa Imprensa na Califórnia por Geogffrey Gomes.

Este destaque dado aos nossos órgãos de Informação nos EUA, apesar do seu amadorismo e deficiências técnicas na maior parte dos casos, deve-se, creio, ao facto de que estes contituíram até há bem poucos anos o principal arquivo da presença dos portugueses num país que, fora

do ocasional elogio ou proclamação oficial em datas oportunas, pouca atenção presta a grupos como o luso-americano, praticamente sem qualquer poder político na sociedade em que se insere, mas que no entanto insiste em preservar a todo o custo a sua herança ancestral.

«A Imprensa lusa», afirma Helder Pinho no já referido livro sobre os portugueses na Califórnia, «tornou-se, assim, um maravilhoso repositório para o estudo de todo o processo histórico dos portugueses no Pacífico». Manter, pois, a memória colectiva do grupo será talvez a primeira função e o maior estímulo à Imprensa comunitária. Por outro lado, os meios de comunicação pertencentes a grupos minoritários como o nosso na América, foram e serão ainda, ao lado dos programas radiofónicos, o elo de ligação indispensável entre comunidades irmãs mas muito dispersas nos dois extremos daquele continente, assim como um outro lenitivo ao isolamento e alienação do grupo ante a grande sociedade que o rodeia.

O Dr. Mayone Dias escreveria a propósito de tudo isto, num breve artigo alusivo ao aniversário de um desses periódicos, que «... embora muitos deles tenham sido de curta existência, acabaram por estabelecer uma firme tradição. Estes jornais tornaram-se tão indispensáveis à nossa vida social como o programa de rádio — e agora de televisão — em português, as festas da colectividade, o convívio com os compatriotas ou os programas do salão português. O jornal corresponde sobretudo à necessidade básica do emigrante de não se distanciar emocionalmente dos seus. É pelo jornal que acompanhamos o que está acontecendo com a nossa gente, tanto os de aqui como os da terra que deixámos ficar atrás. As outras notícias, as de carácter internacional, podem ser absorvidas através da rádio, televisão e imprensa americanas, pelo menos por aqueles de entre nós que por elas se interessam e têm suficiente conhecimento da língua da pátria adoptiva. Mas a informação que mais nos toca, embora a outros possa parecer insigni-

ficante, essa só os meios informativos em Português a podem dar».

Para Urbino de San Payo, a nossa Imprensa, na Califórnia nascida com o periódico *A Voz Portuguesa* em 1880, continua a ser uma das grandes prioridades do grupo. «A luta pela manutenção da língua-pátria tem sido», escreveu ele no seu referido livro, «e continua a ser uma das mais consistentes na lista das prioridades da nossa Diáspora.

«Uma vez que a obtenção das publicações vindas de Portugal é morosa e cara, a imprensa local é um meio dinamizador indispensável para manter a coesão da vida comunitária.

«A letra impressa e as fotografias que reproduzem as paisagens, os monumentos, os costumes das terras donde os nossos imigrantes vieram ajudam a povoar o vácuo e a terra-de-ninguém criados pelo distanciamento da Pátria e o alheamento linguístico e sócio-cultural perante o mundo norte-americano.

«Como um dos agentes primários da reconstituição da vida e do mundo que ficou para trás, os jornais e as outras publicações representam o mais visual sustentáculo da preservação de todos os valores de origem».

Ainda acerca do que sempre motivou e motiva o lançamento e manutenção, nada fácil, como adiante veremos, de periódicos comunitários portugueses, à semelhança do que também sempre fizeram e fazem todos os grupos minoritários nos Estados Unidos, uma das análises mais interessante e pertinente, a meu ver, é a do sociólogo e futurista americano, Alvin Toffler. Em *The Third Wave* (A Terceira Vaga), o autor debruça-se pormenorizadamente sobre a Imprensa étnica no seu país.

«A terceira vaga» é um conceito de Toffler que, essencialmente, explica o que lhe parece estar a acontecer nas sociedades tecnologicamente mais avançadas — a presente passagem da fase já chamada pós-industrial e a entrada apressada na era do automatismo, que, em sua opinião

e ao contrário do que previram alguns autores pessimistas como George Orwell no seu *1984* e Aldous Huxley no seu *Brave New World*, em que reinariam a despersonalização social e a totalitária opressão económica e política, será a mais libertadora era da Humanidade. «Terceira vaga», pois, segue as sociedades agrícola e industrial que representam as duas primeiras fases da história. Será a sociedade baseada na ultra-sofisticação tecnológica, nos computadores que tudo farão — ou melhor, já fazem — inclusive avisar-nos quando as nossas casas necessitam de reparações. Possibilitará, assim, uma vivência construtivamente ociosa, de novos desejos, irremediavelmente oposta à vida massificada, centralizada e opressiva, a regimentação que ele, assim como tantos outros sociólogos, acreditam ter sido a qualidade mais evidente e essencial ao desenvolvimento da fábrica e respectiva vida regularizada pelo seu apito.

Uma das ideias-base dessa nova fase, da sociedade regenerada, é a de-massificação das mentalidades, uma reacção à desumanização da vida industrializada. Insiste-se, ora pacífica ora violentamente (Toffler refere o facto político dos nossos dias que é a exigência por toda a parte e em todas as nações de autonomia e regionalização) na descentralização da vida cívica, de obrigações estatais tal como as conhecemos, o retorno à pequena comunidade de interesses específicos, a manutenção dos grupos étnicos e suas particulares características. Por outras palavras, uma sociedade de dimensões reduzidas e, logo, mais humana. Não se trata de um retorno à «tribo», mas sim de uma consolidação de interesses mais restritos e melhor definidos, sempre pois de natureza comunitária e nunca à grande escala. Não é nem será um provincianismo ou qualquer fuga isolacionista. Continuarão as preocupações globais, mas por cada grupo definidas e nunca como resultado imposto do exterior.

Um dos índices claros deste fenómeno na América, acredita Toffler, é a situação que se vive na Imprensa, o ressurgimento em força de jornais, televisão e rádio comunitários, agora com a legitimidade que todos lhe conferem e que o autor de *A Terceira Vaga* apenas regista.

«Cada um dos grandes diários actuais, escreve ele, enfrenta uma intensificada competição de inúmeros semanários e quinzenários de circulação reduzida ... que servem não o grande mercado de massas metropolitano mas grupos muito mais localizados. Após atingir o seu ponto de saturação, os grandes diários enfrentam graves problemas. A Imprensa comunitária (de-massificada) está decididamente a bater-lhe nos calcanhares ... Com as tipografias modernas, rápidas e pouco dispendiosas, qualquer organização, grupo comunitário, político, seita ou culto religioso pode sustentar as suas próprias publicações».

Adicione-se aqui que, como resposta a esta, para os grupos minoritários tão feliz ameaça, os grandes diários americanos — como o *New York Times*, *Los Angeles Times* e *Washington Post* — começaram há alguns anos a inserir secções dirigidas especificamente ora a uma cidade ora a outra: o tal anúncio, notícia e comentário que interessam a uns mas não a outros.

Voltemos, uma vez mais, ao caso específico da Imprensa comunitária portuguesa nos EUA. Nem o optimismo nem a boa notícia de Toffler nem o facto de os nossos jornais terem já longa e firme tradição naquelas partes fazem com que desapareçam as múltiplas e por vezes enormes dificuldades com que se debatem. Como já escrevi em outra parte, fazer jornalismo em e para comunidades como as nossas continua a ser um acto mais ou menos quixotesco, uma luta constante de indivíduos isolados contra uma realidade fortemente marcada por um grau de educação bastante primária, e que ainda relega tudo que não seja material, lucrativo, para último lugar. E porque estamos nos Açores, região de origem da grande maioria dos nossos

imigrantes, e onde a sua Imprensa também enfrenta graves problemas, apesar das suas funções sócio-políticas, pelas mesmas razões já aqui enunciadas, serem cada vez de maior importância, será válido estabelecermos aqui que os jornais imigrantes não poderão nunca ser substituídos nem pelos de aqui e muito menos por um hipotético jornal ou boletim editado neste país e com os imigrantes em mente. Numa entrevista concedida ao *Diário de Notícias* (de Lisboa) já há alguns anos, João Brum, hoje proprietário e director do semanário *Portugal/USA*, de São José, no norte da Califórnia, afirmaria que :«Um jornal de comunidade tem uma função dupla que qualquer jornal regional em Portugal não tem.

«Primeiro que tudo não é regional, enquanto tem de falar com igualdade para açorianos, madeirenses, continentais, retornados, macaenses (no caso Californiano), e destes para cada ilha, freguesia ou cidade. Defendendo, sim, um regionalismo de boas tradições como defesa da nossa cultura e língua. De resto, fujo dos regionalismos como o diabo da cruz para evitar os empeços duma comunidade atreita como a nossa a divisionismos. Por exemplo, com sete anos de democracia em Portugal e quase outros tantos de autonomia nos Açores e Madeira, é muito perigoso ainda referir o açoriano ou o madeirense sem acentuar que ele é português. Se bem que o problema não surja quando se fala do minhoto ou do algarvio.

«Os imigrantes formam todos eles um mundo à parte, diferente, que determina precisamente a atitude do jornalista, dos responsáveis pelo jornal. Em Portugal o leitor aproxima-se do jornal; cá verifica-se o contrário: o jornal terá de ser consentido por um processo de ir ao encontro da audiência, por persuasão e até sedução.

«Jornal de comunidade é enfim ... uma ponte sólida por onde transitam todas as raízes e valores do imigrante, a sua existência, crença e ideais, mas deserta por vezes de diálogo por causa do passivismo e do analfabetismo vindos

do passado e que no imigrante são mais pronunciados. Não esqueçamos que as motivações são sobretudo as materiais, não a cultura ...».

Para além dos problemas de carácter editorialista, que acima foram enunciados, os jornais de língua portuguesa na América têm de sobreviver sem quaisquer subsídios, totalmente dependentes do reduzido comércio nas suas localidades ou estados que por sua vez dependem das comunidades ou nelas reconhecem potencialidades de penetração. Poucos desses jornais serão lucrativos, quase todos eles dependem de indivíduos que sacrificam bons salários em qualquer outra empresa pelo gosto da profissão ou espírito de missão no seu meio imigrante. Na Califórnia, por exemplo, existem neste momento três semanários e um mensário — *Jornal Português*, *The Portuguese Tribune*, *Portugal/USA* e *Novidade* — e todos eles têm de competir não só pelo comércio que sustenta a sua existência como pelo número de leitores que justifique o dispêndio dessa publicidade comercial. A tiragem de qualquer um destes periódicos oscila entre os três mil e os cinco mil exemplares.

Quem é e o que espera do seu jornal o leitor imigrante?

«A maioria dos imigrantes», diria ainda João Brum na mesma entrevista, «não absorve cultura. E a informação quere-a sucinta e clara. Impressionante e sem política. Querem saber da terra onde eles ou os pais nasceram: do azul do céu, da limpidez do mar; das filarmónicas, das rochas onde pescaram, dos mistérios e dos gados do mato; das praias, do queijo, dos sucessos e da morte dos seus amigos de escola e da tropa ... Querem saber dos hospitais, dos aeroportos e do futebol! Raros se dão com política, confundidos com os partidos, desgostados com as greves e surpresos ou agastados com as quedas dos governos.

«Ora um projecto jornalístico digno e para um estado como a Califórnia, maior que Portugal, acarreta obrigações financeiras de muitos milhares de dólares num investimento demorado em rever lucros. O pragmatismo absorvido pelo

imigrante junto da sociedade americana limita a ínfimo número os interessados numa iniciativa como esta de fazer jornal de comunidade, para imigrantes e com intuito cultural, isto é, informando sem descurar a formação».

Neste capítulo de dificuldades e lamentos dos que na América mantêm vivos os nossos jornais, deve citar-se o que Alberto Lemos, director e proprietário do *Jornal Português*, o mais antigo entre nós e que se apronta para celebrar os 100 anos de existência, diria a Helder Pinho no decurso de uma outra entrevista: «Lembre-se que eu sou, além de pequeno editor, redactor, fotógrafo, varredor, carregador de sacos, promotor de vendas e angariador de assinaturas, etc., também tenho de ser gerente, administrador e tesoureiro-contabilista e um dos mais cuidadosos, senão o jornal abre falência, o que seria pena depois de quase noventa anos de existência ...».

Apesar do que aqui se acaba de dizer, os jornais de língua portuguesa nos Estados Unidos conheceram na última década considerável melhoramento, profissionalização, até, em certos casos. Esse salto qualitativo tem abrangido todas as facetas, desde instalações e maquinaria ao seu pessoal redactorial e administrativo. Com um número de páginas semanais substancial — no mínimo 24 e que algumas semanas ultrapassa mesmo as 40 — os jornais de imigração tentam hoje harmonizar a pequena notícia, de que aqui já se falou, com a reportagem extensa e o comentário informado. O crescente número de imigrantes que lá chegaram com, ou lá completaram o curso secundário ou mesmo universitário tem-se também reflectido consistentemente nos periódicos comunitários. Em páginas políticas ou em secções culturais e literárias, a posição do grupo português na América tem vido a ser competentemente registada e comentada. Saliente-se, por sua vez, que um bom número de académicos, ligados a escolas públicas e a universidades em certas partes do país, tem vindo a utilizar os jornais para debates e comentários que abordam assuntos e temas

desde a história do nosso povo naquele continente à vida social e política das mesmas comunidades. Por outro lado, a rapidez da transmissão por telex, e, em certos casos, da chegada dos jornais portugueses nacionais e regionais, permitem o recorte ou a transcrição integral de qualquer notícia ou artigo que de um modo ou outro seja de interesse para o leitor daquelas partes.

Finalmente, lembraria a todos que a Imprensa portuguesa comunitária na América foi sempre um fenómeno ligado às primeiras gerações — aos imigrantes e suas necessidades e preocupações. Desde o apaziguamento nostálgico e manutenção da memória colectiva a elo de ligação entre todos, esses jornais pouca ou talvez nenhuma influência têm exercido entre os luso-americanos, os que já lá nasceram. Inteiramente educados e integrados na sociedade americana, o mundo dos seus pais, suas alegrias e tribulações, torna-se uma vaga memória, um pouco de religiosidade e culinária ancestrais. Outros grupos, como os italianos, por exemplo, acabariam por desenvolver publicações étnicas, escritas em inglês, mas nas quais o grupo define e desenvolve as questões que mais lhe interessam, e, desse modo, recuperam boa parte das suas raízes. Entre os portugueses, isso nunca aconteceu. Caso se mantenha esta atitude, e caso a emigração portuguesa venha definitivamente a estancar, como parecem apontar as estatísticas destes últimos anos, é possível que tudo entre nós se desfaça ou se apague, e passe a pertencer somente a arquivos poeirentos em qualquer parte. Esse futuro das segundas gerações lusas na América não tem recebido a atenção sistemática que me parece merecer. Mais do que cultivar a palavra portuguesa nos Estados Unidos, interessaria, neste momento de encruzilhada histórica para o nosso povo no além-fronteiras, passarmos a cultivar a ideia de que o mundo português na América poderia ser continuado e valorizado, mesmo que em outra língua e por outros modos e razões.